

A importância dos jornais e revistas para a formação dos leitores, gênese e florescimento da literatura infantil

Doutorando/Profª Ms. Lígia Regina Máximo Cavalari Mennaⁱ (USP/ UNIP)

...

Resumo:

No século XIX e início do século XX, os jornais e revistas se assumem como os mais efetivos divulgadores da literatura. Assim, ao se pesquisar e refletir sobre os diferentes aspectos envolvidos no processo de formação da literatura e sua história, tanto a geral como a para crianças, torna-se essencial que se leve em conta a valiosa contribuição da imprensa. Nesse contexto, destacamos, neste trabalho, nossa pesquisa sobre a revista **O Tico-Tico** e sua relevância para a formação dos leitores, gênese e florescimento da Literatura Infantil no Brasil. Vale ressaltar que essa publicação sinalizou o interesse de uma nova massa urbana consumidora e, conseqüentemente, uma indústria cultural.

Palavras-chave: Literatura infantil, Revista O Tico-Tico, Revista Recreio, Imprensa e Literatura

Introdução

A partir da liberação da imprensa no Brasil no século XIX, diversos escritores encontraram nos jornais não só uma forma de sobrevivência, mas também um meio eficaz de divulgarem seus trabalhos literários. Assim, até meados do século XX, em um tímido mercado editorial, os jornais e revistas se assumem como os mais efetivos divulgadores da literatura. Monteiro Lobato, inclusive, em suas cartas a Godofredo Rangel, em vários momentos, aconselha o amigo que faça como ele, publique em jornais e revistas da época para que sua obra se tornasse conhecida, ou mesmo como uma forma de avaliar o gosto dos leitores, conforme observamos em carta de 2 de Fevereiro de 1923.:

Está me voltando a mania e creio que dou mais dois livros este ano. Como sempre, parto gêmeo. Um, de ideias e impressões extraídas daquele meu velho Diário de solteiro, com leves apuros da forma e da filosofia. Outro de contos-contos novos. Não dispenso teu juízo preliminar, à moda de sempre. Ponho-os na Revista e depois dou-os em livro- o bom sistema. (LOBATO, 201.P.482)

A Revista citada é a **Revista do Brasil**, da qual Monteiro Lobato foi colaborador, editor e proprietário no início de sua carreira. Poderíamos citar ainda outros grandes escritores como Olavo Bilac, Coelho Neto, Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos, entre vários, que tiveram uma relação contínua com a imprensa.

Há vários estudos voltados para a relação entre os ramos jornalístico e literário, suas inter-influências, seus produtores e receptores. Contudo, quando o assunto é a literatura destinada ao público infantil publicada em jornais e revistas, pouco foi discutido.

Essa é uma lacuna que pretendemos começar a preencher em nossa tese de doutorado, realizando um estudo as produções literárias veiculadas para crianças em jornais e revistas nas primeiras décadas do século XX, período da gênese e florescimento da Literatura Infantil.

Neste trabalho, especificamente, faremos um breve panorama das mídias impressas para crianças no final do século XIX e início do século vinte, a chamada *A imprensa escolar e infantil*, segundo Leonardo Arroyo. Daremos destaque para a revista **O Tico-Tico** que, além de ter sido

relevante para a formação de leitores, sinalizou o interesse de uma nova massa urbana consumidora e , consequentemente, uma indústria cultural, circulando de 1905 a 1962.

Ao final, teceremos algumas considerações sobre a revista **Recreio**, em sua primeira versão no final dos anos 60, que alavancou um verdadeiro boom da literatura infantil na década de 70.

A literatura infantil nos jornais

Em seu livro **Literatura infantil brasileira**, , Leonardo Arroyo dedica um capítulo significativo para os estudos da imprensa infantil: “ *A imprensa escolar e infantil*”, o qual corrobora com a relevância de nossa pesquisa. Na introdução, enfatiza a importância da imprensa para formação e desenvolvimento da literatura infantil brasileira:

Os jornais infantis marcaram bem determinado período da literatura infantil brasileira. Para a formação das coordenadas da literatura infantil brasileira, a criação de um campo propício à sua evolução- sem nunca esquecer aqui a importância fundamental do desenvolvimento da educação e do ensino- para a sua base, se assim nos podemos exprimir, foi a imprensa para crianças e jovens, imprensa não só na forma de jornal, como na forma de revistas (ARROYO, 1990, P.131)

É notável a importância basilar dos jornais e revistas para a formação dos leitores e para a gênese e florescimento da literatura infantil. A existência dos pequenos jornais escolares, de no máximo quatro páginas, ainda colaborou para as primeiras tentativas literárias de muitos escritores, como Monteiro Lobato, por exemplo, que escrevia em 1896 no jornal **O Guarani** (Rizzini¹ apud ARROYO, 1990, P. 136).

Vale observar que, se o livro tornou-se o suporte ideal para a educação formal, os jornais e revistas assumiram um papel mais informal e por vezes lúdico, ora distanciando-se, ora coincidindo com as concepções de infância e educação vigentes.

Cronologicamente no Brasil, segundo Arroyo, o primeiro registro de jornal para crianças data de 1811, na Bahia, com o jornal **O adolescente**. Contudo, o autor não teve acesso ao material e inferiu seu público-alvo pelo título.

Vale destacar que um dos maiores obstáculos para os pesquisadores de jornais e revistas publicados no Brasil no século XIX é a escassez de materiais de consulta. Vários dos jornais citados por Arroyo não podem ser mais localizados e outros se encontram em péssimas condições, conforme pudemos verificar em nossas pesquisas.

Quanto aos jornais para adultos, muitos já estão salvos em microfilmes ou mesmo digitalizados, podendo ser encontrados, por exemplo, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro² ou no Arquivo Público do Estado de São Paulo³. Os jornais e revistas destinados ao público infantil não tiveram a mesma atenção.

Arroyo ainda cita **O Reconciliador ou Livraria dos Meninos**, **O Mentor da Infância** (Salvador-1846), **O Juvenil** (Rio de Janeiro-1835), **A Saudade** (Pernambuco, 1850.).

Inicialmente , destaca a imprensa escolar na cidade de São Paulo, que apresentava produções de alunos, como **Kaleidoscópio** (1860), **Ensaio Juvenil** (1864), **Imprensa Juvenil** (1870), **O Adolescente** (1887) , além de muitos outros do interior do Estado de São Paulo.

Na sequência, Arroyo as diferentes produções para crianças nos vários estados brasileiros, reforçando, com uma extensa lista de publicações, a relevância dos estudos desses periódicos.

¹ RIZZINI, Jorge. *História de Monteiro Lobato*, (Via e obra) São Paulo. Difusão Cultural, 1966 p. 56.

² Biblioteca Nacional . Disponível em <http://www.bn.br/portal/>

³ Arquivo do Estado de S. Paulo . Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/>

Destacamos também algumas produções do início do século XX, entre jornais, suplementos: **A carochinha**- Florianópolis-1914; **O escolar**- Canoinhas-1918; **O Arrebol**- Teresina- 1918-1925; **A gazeta infantil**- São Paulo, 1929-1950, **Suplemento infantil e juvenil**- A nação-, Rio de Janeiro, 1939. Assim como revistas: **O Tico-Tico**- 1905-1962; **Lobinho**-1939; **Bem-te-vi** (1923) e, mais tardiamente, **Recreio** (anos 60); entre outras, e os almanaques **O Tico-Tico** e **Vida Infantil**.

É interessante destacar que periódicos para adultos também apresentavam pequenas seções com produções para crianças, lembrando que, no início dos anos 20, Monteiro Lobato publica **A menina do Narizinho Arrebitado**, e, mais precisamente, em janeiro de 1921 na **Revista do Brasil**, vários outros episódios da menina Lúcia que seriam incorporados ao **Reinações de Narizinho**, em 1931.

É no início do século XX, até meados dos anos 40, que encontramos o auge da veiculação de gêneros literários em suplementos, jornais, almanaques e revistas para crianças, dividindo espaços com uma crescente inclusão de Histórias em quadrinhos(HQ), por uma visível influência dos *Comic books* americanos. A partir dos anos 40, as HQ passam a ocupar quase com exclusividade o espaço na imprensa, surgindo assim revistas exclusivas de HQ, como o **Gibi**, por exemplo.

Atualmente, a presença de gêneros literários em suplementos infantis, como Folhinha(Folha de S.Paulo e Estadinho(Estado de S. Paulo), para citarmos periódicos paulistas, encontram-se cada vez mais raros.

2.2 Revista e Almanaque O Tico-Tico

A revista **O Tico-Tico** foi publicada de 1905 a 1962, em formato grande, cerca de 22x 30cm, diminuindo nos anos 50 para 15x22 cm. Possuía diferentes seções semanais ou comemorativas, um editorial(Lição do vovô), partituras, notícias, entrevistas, anúncios publicitários, seção do leitor (textos e fotos enviados pelos leitores), concursos, histórias em quadrinhos, poemas, contos, romances em folhetins como **As viagens de Gulliver** de Jonathan Swift e **As aventuras de Robinson Crusoe** de Daniel Defoe, já imortalizada por Carlos Drummond de Andrade, assíduo leitor da revista, em seu poema “ Infância”:

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras.
lia a história de Robinson Crusoe,
comprida história que não acaba mais.
(In: Reunião. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969)

Segundo Waldomiro Vergueiro (& SANTOS,2006), a revista foi idealizada pelo jornalista e caricaturista de Castro, pelo poeta Júnior e o professor e jornalista Bonfim. Is Bartolomeu de Souza e Silva, dono da *Sociedade O Malho*, recebeu a proposta com entusiasmo e resolveu publicar a nova revista, seguindo os moldes da revista francesa **La Semaine de Suzette**. O sucesso da revista foi grande, chegando a mais de 20 mil exemplares para a primeira edição, o que era um record para época. O preço de capa se manteve inalterado em 200 réis por quase quinze anos, o que, segundo o autor, era um valor relativamente baixo, acessível a diferentes camadas da população. Quanto a seu público leitor, Vergueiro considera que:

O público consumidor eleito pela revista era a criança de classe média, oriunda de uma família solidamente constituída, temente a Deus, respeitadora dos valores pátrios, matriculadas em instituições formais, com uma inteligência superior à média(...)submissa aos preceitos morais predominantes na sociedade brasileira.”
(VERGUEIRO & SANTOS,2006:215)

Já os escritores e colaboradores, segundo Maria Cristina Merlo⁴, encontrados ao longo de diversas edições de **O Tico-Tico**, temos: Cardoso Júnior, Coelho Neto, Olavo Bilac, Murilo Araújo, Catulo da Paixão Cearense, Bastos Tigre, Maurício Maia, Malba Tahan, Eustórgio Wanderley (com os pseudônimos de Maurício Maia, Trancoso, Malazarte e Wenceslau Semifusa), Humberto de Campos, Oswaldo Orico, Galvão Queiroz, Carlos Manhães, Américo Clia, Josué Montello, Leonor Posada, Gaspar Coelho e Gustavo Barroso, entre outros.

Verificamos também vários contos de um tradutor e adaptador que assina por M. M Eme., que acreditamos ser um pseudônimo, como tantos outros encontrados.

Como já dissemos, o surgimento da revista marca também o momento em que nossa sociedade, ou pelo menos parte dela, encontrava-se mais aberta à indústria cultural que então surgia, conforme nos apontam Lajolo & Zilberman:

Esta, por assim dizer, prontidão e maturidade da sociedade brasileira para absorção de produtos culturais mais modernos e especificamente dirigidos para uma ou outra faixa de consumidores expressa-se exemplarmente no surgimento, em 1905, da revista infantil *O Tico-Tico*. O sucesso do lançamento, a longa permanência da revista no cenário editorial, a importância de suas personagens na construção do imaginário infantil nacional, a colaboração recebida de grandes artistas — tudo isso referenda que o Brasil do começo do século, nos centros maiores, já se habilitava ao consumo de produtos da hoje chamada indústria cultural.” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1984:23)

Quanto aos textos literários identificados por nós nas edições a que tivemos acesso, podemos citar primeira mente um conto de Coelho Neto “ Quem tudo quer tudo perde” na primeira edição de 1905⁵. O conto já fazia parte do livro **Contos Pátrios** de 1904.

Verificamos também alguns poucos exemplares de 1911 junto à Biblioteca Monteiro Lobato, os quais se encontram bastante incompletos, com a falta de várias páginas. Há vários contos, mas são longos e não estão completos, já que continuam em outras edições que não foram localizadas.

No **Almanaque de 1931**⁶, exemplar adquirido, encontramos vários textos interessantes, mas poucos apresentam indicação da autoria, conforme os indicados: “ O astuto aldeão” de Nelson de Lara Cruz, “ O dourado”, sem autoria, “ Era uma vez...” de Leonor Posada, “Um conto de Eustórgio Wanderley”⁷, “O lago e a estrela” de Carlos Manhães, „A escada de Jacob“, de J. Carlos, famoso por suas ilustrações em **O Malho** e **Paratodos**.

Na edição de 25/05/1938⁸, há dois pequenos contos que merecem destaque, “O pequeno das sortes” de Olga Jan” Sszewska⁹ e “O bem mais precioso” de Alba Saltiel e o poema “Represália” de Eustórgio Wanderley. Esse último, por exemplo, torna-se bastante interessante

⁴ “ As dimensões jornalísticas e literária em *O Tico-Tico*” in *O Tico-Tico 100 anos*.2006

⁵ A cópia da 1ª edição em forma de encarte faz parte do livro *O Tico-Tico 100 anos*.

⁶ O exemplar foi obtido por nós no Sebo “Praia dos Livros”

⁷ Eustórgio Wanderley nasceu no dia 5 de setembro de 1882, na cidade do Recife, PE, onde estudou e morou durante quase toda sua vida. Adulto, dedicou-se ao jornalismo, atuando no *Diário da Manhã* e no *Jornal do Recife*. Academia de Letras de Pernambuco. Compositor de músicas também para crianças, como o conhecido “ Marcha soldado, cabeça de papel”

(fonte: Site Cifra Antiga <http://cifrantiga2.blogspot.com/2008/02/eustrgio-wanderley.html>, acessado em 15/07/2008.

⁸ Fotos digitalizadas obtidas na Biblioteca Monteiro Lobato em São Paulo.

⁹ Acreditamos que este seja um pseudônimo. Narra-se a história de um menino que vendia bilhetes e ajudou um pobre homem. Esse homem era rico, mas passava por dificuldades. Quando reencontrou o menino, ficou tão agradecido que o recompensou.

por sua linguagem coloquial e por seu conteúdo que, de certa forma, relativiza alguns valores, principalmente da menina boazinha e bem comportada.

Com a opção de um eu - lírico feminino e infantil, o autor nos apresenta Lili, uma menina de seis anos que diz que não convidará os pais para seu casamento, pois não a convidaram para o deles. Na terceira estrofe, o eu- lírico diz:

“Não me julguem vingativa,
Mas também não sou santinha....
Quando “me fazem alguma”
Eu “tiro minha casquinha”
(WANDERLEY, Eustórgio in O Tico-Tico, 25/05/1938)

Em uma edição de 1954¹⁰, já em formato bem menor do que a de 1938, pudemos encontrar “ A lenda das estrelas”, a adaptação do conto “ O jardineiro do rei” e o poema “ A rã e touro” de Olavo Bilac. Nessa época, o tamanho da revista é reduzido.

No Almanaque de 1958¹¹, podemos destacar os poemas “ Sonho de Natal” de Bastos Tigre e “ Um cigarrinho” - Isabel Vieira e Serra Paiva- livro Pingos D’água.

A revista **O Tico-Tico** reinou absoluta até os anos 30 até que, em 1934, Adolfo Aizen fundou o **Suplemento Infantil** (posteriormente Juvenil) no jornal **A Nação**, no Rio de Janeiro. Esse suplemento foi um sucesso instantâneo e inaugurou uma nova fase na divulgação das HQ no Brasil, a partir do modelo norte-americano.¹² No mesmo estilo, surge **O Globo Juvenil**, das Organizações Globo. Esse foi o início da decadência da revista **O Tico-Tico**. Segundo Waldomiro Vergueiro:

De repente, os personagens ingênuos e bem intencionados da revista passavam a ser substituídos no gosto popular por intrépidos desbravadores de novos mundos, homens mascarados ou seres super-poderosos. Foi um choque.” (& SANTOS ,2006: 206)

O autor acrescenta que a revista até tentou competir com as novas publicações, mas, para isso, comprometeu seu bom nível e acabou por perder espaço junto ao público.

Dos anos 30 aos 40, tentaram se equiparar às novas tendências das HQ, contudo, aos poucos, retornaram aos seus propósitos iniciais.

Além da concorrência, Waldomiro Vergueiro aponta outros fatores para o declínio da revista e sua extinção: Mudança dos gostos do público, mais adepto às aventuras das HQ, o surgimento da Televisão e dos desenhos animados e, finalmente, um novo mercado consumidor, os adolescentes.

Como qualquer obra de tanto alcance, a revista **O Tico-Tico** estava impregnada de ideologias que retratavam o período histórico em que foi publicada. Assim, o nacionalismo e um didatismo-moralista estão presentes em diversos textos dessa revista. Nos anos 30, com certa ênfase, observa-se um firme propósito de influenciar o desenvolvimento intelectual das crianças brasileiras, a partir de concepções positivistas (“ ordem e progresso”). Na edição de 25 de maio de 1938, por exemplo, encontramos ao rodapé o seguinte conselho: “ Menino, a ordem é a primeira lei do céu! Sem a ordem, sem método, nada conseguirás”.

Segundo Waldomiro Vergueiro, os responsáveis pelo **O Tico-Tico** defendiam um tipo de revista que pudesse colaborar para a produção de adultos pró-ativos, que acreditariam na força do trabalho e participariam do capitalismo em ascensão, e acrescenta:

¹⁰ Fotos digitalizadas obtidas na Biblioteca Monteiro Lobato em São Paulo.

¹¹ idem

¹² Encontramos apenas alguns exemplares de 1939 junto à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O público consumidor eleito pela revista era a criança de classe média, oriunda de uma família solidamente constituída, temente a Deus, respeitadora dos valores pátrios, matriculadas em instituições formais, com uma inteligência superior à média(...)submissa aos preceitos morais predominantes na sociedade brasileira. (& SANTOS,2006:215)

A revista, posteriormente, tornou-se objeto de leitura de todas as classes sociais, mas manteve valores das classes dominantes, apresentando diversas vezes situações de extremo preconceito racial e social. Seu modelo didático-pedagógico permaneceu até o seu fim.

2.2 Revista **Recreio**: um novo fôlego

Houve um novo fôlego da literatura infantil na imprensa ao final dos anos 60, quando surgiu, no Brasil, a revista **Recreio**, um novo espaço para a literatura infantil, em que se destacaram Ana Maria Machado e Ruth Rocha, autora de uma infinidade de títulos dentre os quais se destaca **Marcelo, Marmelo, Martelo** (1976), publicado originalmente na revista nº 50 em 1970.¹³

Recreio lançada pela Editora Abril em 1969, ao custo de 1 cruzeiro, permanecendo até 1981 com a mesma concepção, de divertir e educar, conforme seu slogan já antecipava: "Leia e pinte, recorte e brinque" ou mesmo a disposição do título na capa com pré e pós acréscimos. Acima, do título, em letras menores encontramos "a revista brinquedo". Abaixo, em letras miúdas, surge o termo "escolar": *A revista brinquedo **Recreio** escolar*.

A híbrida função e o baixo custo, acessível à classe média, transformaram a revista em um sucesso de público em plena Ditadura Militar.

história diferente era publicada a cada semana, cercada de brincadeiras, jogos, adivinhações, músicas, quadrinhos, peças para montar cidades, circos, navios, entre outros.

Em 2000, foi relançada e remodelada, diferindo muito da primeira versão e perdurando até a atualidade.

Ao compararmos a versão de **Marmelo, Marcelo Martelo** da revista com a do livro¹⁴, encontramos diferenças significativas, não somente quanto à disposição do texto e suas ilustrações, mas também em relação ao desfecho da obra.

A revista analisada é composta por 16 páginas em formato médio, sendo que cada uma apresenta um trecho da história, cercada nas laterais por atividades diversas. A linguagem não-verbal, ilustrações descritivas e narrativas e aspectos gráficos (balões para algumas falas e letras coloridas em diferentes destaques) se sobressaem à linguagem verbal.

No livro, verbal e não verbal se equiparam harmonicamente, ora o texto aparece acima das ilustrações, em geral descritivas e narrativas, ora abaixo. Contudo, são inseridos pequenos animais como minhocas, borboletas, joaninhas, passarinhos e sapos, deslocados do enredo e que acompanham o desenrolar da trama em um processo metalinguístico interessante.

Atentando um pouco ao enredo, podemos destacar o clima da narrativa quando, ao ver a casa de seu cachorro Godofredo em chamas, Marcelo, o menino que gostava de brincar com as palavras, grita: "A mordadeira, papai, embrasou...". Como não foi compreendido pelo pai, Jaime, na revista e João, no livro, a casinha de seu cachorro foi consumida pelo fogo. Neste ponto, o texto apresenta diferenças significativas. Na revista, o menino lamenta e diz ao pai(em um amplo balão): "Coitadinho do Godofredo! A casinha dele pegou fogo, todinha, todinha...". No livro,

¹³ A data de publicação não aparece na revista, mas como é o nº50, supomos que tenha sido publicado em 1970, antes da reforma ortográfica de 1971.

¹⁴ Versão em livro analisada: ROCHA, Ruth. Marmelo, Marcelo, Marmelo e outras histórias. ções de Adalberto Cornavaca 2ª edição e 65ª impressão. São Paulo: Salamandra, 1999.

Marcelo desfere uma crítica: “Gente grande não entende nada de nada, mesmo!”

Curiosamente, para esse episódio a ilustração, na revista, retrata os pais sorrindo da situação, uma simples travessura de menino. Já no livro, os pais aparentam consternação, tanto que, na sequência, promovem construir uma outra casa para o cachorro e entram no brincadeira linguística do menino: “Não fique triste, meu filho. A gente faz uma moradeira nova pro Latildo”

Um dos pontos mais contrastantes é o desfecho, completamente alterado. Na revista, a história termina com a constatação de que Marcelo nunca mais falou daquele jeito, o que nos leva a supor que a queima da casinha teria sido uma boa lição ou mesmo um castigo para o menino que adorava inventar palavras. Na última página, Marcelo aparece adulto, sentado em uma poltrona, lendo jornal e sua filha lhe pergunta por que mesa se chama mesa. Marcelo pensa “Há vamos começar tudo de novo”. Já no livro, todos passam a se entender bem. A autora acrescenta que os pais não passaram a falar como o filho, mas faziam força para entendê-lo. Vê-se tolerância e uma certa abertura ao diálogo, tão raro na década de 70, em plena Ditadura Militar.

Conclusão

Ao longo das décadas, os gêneros literários escritos para o público infantil, gradativamente, abandonaram os jornais, fixaram-se nos livros, onde obviamente já circulavam, e passaram a migrar, como observamos atualmente, para os mais diferentes suportes, com destaque para os ambientes virtuais. Observamos, dessa forma, uma ruptura e migração constante desses gêneros em relação a seus suportes e meios de divulgação.

Consideramos, portanto, que os estudos sobre a História da Literatura Infantil não podem se ater apenas ao livro, e devem ir além, investigando diferentes periódicos, como foi o caso das revistas **O Tico-Tico** e **Recreio**, retratos de diferentes épocas, participantes efetivas na formação de leitores e na gênese e (re)florescimento da Literatura Infantil brasileira.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond. Reunião. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- Leonardo, ARROYO **Literatura Infantil Brasileira**. 1990, Melhoramentos :o Paulo S.
- Nelly Novaes, COELHO. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**, Moderna :o Paulo S. .
- Marisa e Regina, ZILBERMAN & LAJOLO **Literatura Infantil brasileira**, tica :o Paulo S. . 1984
- Ruth, ROCHA **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias** 2, Salamandra :o Paulo S. . 1999, ed
- Waldomiro e Roberto, SANTOS & VERGUEIRO **O Tico-Tico 100 anos- Centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil**. 2006, o Paulo S :Opera Graphica

Site:

Cifra Antiga. Verbete Eustórgio Wanderley

<http://cifrantiga2.blogspot.com/2008/02/eustrgio-wanderley.html>, acessado em 15/07/2008.

Revistas e Almanques

Almanque O Tico-Tico Biblioteca Monteiro .adasFotos digitaliz .1947,1952,1953,1954,1956-

.Lobato

Almanaque O Tico-Tico Exemplar original .1931 ,

Revista Paratodos, 1931. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <http://www.bn.br/portal/>

Revista O Tico Tico,Exemplares avulsos de .o D' Malho,Publicaç , Rio de Janeiro

.Biblioteca Monteiro Lobato .Fotos digitalizadas.1911,1938,1954

Revista O Tico-Tico ,SANTOS & ORIEUGREV ni etracnE – 1905de outubro 11de 1 'n -
revista de quadrinhos do rio da primeiraCenten-anos 100Tico -O Tico .Waldomiro e Roberto
.2006 ,o Paulo,S :Opera Graphica .Brasil

Revista Recreio. Marcelo Marmelo, nº 50, 1970. (data ilegível). Fotos digitalizadas. Biblioteca Monteiro Lobato

i **Lígia MENNA Profª Ms.**

Profª Ms da Universidade Paulista UNIP e

Doutoranda da FFLCH-USP. Área de Estudos Comparados sob orientação do Prof. Dr. José Nicolau

Gregorin Filho.

limax@uol.com.br